

Popularidade do presidente foi testada

Rio — A popularidade do presidente José Sarney foi, mais uma vez, testada ontem no Rio: apesar de aplaudido por uma pequena multidão, ele acabou ouvindo, também, vaias e o protesto dos funcionários da Previdência Social em greve, que, com faixas e cartazes, denunciaram o fato de o "presidente vir à nossa cidade para assistir ópera e missa e não para tentar resolver os nossos problemas salariais".

As duas manifestações ocorreram simultaneamente quando Sarney, acompanhado de dona Marly, do governador Leonel Brizola e de sete ministros, chegou à igreja da Candelária, para assistir à missa em ação de graças pelos 60 anos do jornal "O Globo", celebrada pelo cardeal arcebispo dom Eugênio Sallés, último compromisso de sua estada de dois dias no Rio. Após o ato religioso, o presidente viajou para Brasília.

Grevistas

Com faixas e cartazes, os grevistas, que vaiaram e criticaram o presidente, ocuparam as ruas próximas à Candelária horas antes da chegada de Sarney. Cerca de mil pessoas permaneceram próximas da escadaria da igreja, gritando palavras de ordens exigindo uma audiência com o presidente. A movimentação — a maior desde que ele assumiu a Presidência — fez com que fosse redobrado o esquema de segurança.

Vários agentes passaram a controlar com rigor a entrada à igreja — e foi até mesmo alterado o esquema previsto para a saída do presidente do templo. Sarney, que deveria deixar a nave principal da igreja por um corredor lateral, acabou sendo aconselhado a sair pela porta principal e enfrentar os manifestantes. Foi, então, que ocorreu um princípio de tumulto, já que os populares tentaram aproximar-se do presidente.

Agressões

E o saldo da confusão acabou sendo negativo para a imagem que vem sendo conquistada pela Nova República: visivelmente nervoso, dois agentes de segurança agrediram os repórteres fotográficos Vital da Trindade, do "Jornal do Brasil" e Carlos Carvalho, da agência Notossintese, quando ambos, devidamente credenciados para a cobertura da visita de Sarney, tentavam fotografar o ônibus onde já estava o presidente.

"O agente, um homem alto, forte e negro, deu um soco na minha máquina fotográfica no exato momento em que eu estava fotografando. Assim, foi como eu tivesse recebido um soco no rosto. Depois, ele puxou a máquina com tanta força que abriu a tampa, expondo o filme à luz, inutilizando o material já operado. E o pior é que este segurança teve o apoio de outros cinco agentes" disse Vidal.

O incidente, o primeiro verificado na Nova República entre seguranças e jornalistas, designados para cobrirem a Presidência da República, revoltou a maioria dos presentes: "Na verdade, tudo isto provou que pouca coisa mudou em relação à Velha República, quando incidentes como estes eram constantes. Nossa preocupação é denunciar essas ocorrências para mostrar às autoridades que os agentes de segurança continuam despreparados para essa função".

30 JUL 1985

JORNAL DE BRASÍLIA